

# A EDUCAÇÃO EM GÊNERO E SEXUALIDADES NAS PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO DE CIÊNCIAS

**Lêda Barreto Santos Reis** Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB <sup>1</sup>

**Dra. Daniele Farias Freire Raic** Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB <sup>2</sup>

#### **RESUMO**

O presente artigo refere-se a uma pesquisa de mestrado em andamento, que investiga como os professores de Ciências abordam os temas de Gênero e Sexualidades nos anos finais do Ensino Fundamental. Considera-se que a educação em gênero e sexualidades é essencial para formar cidadãos conscientes e respeitosos à diversidade, mas sua abordagem nas escolas, muitas vezes, se restringe à dimensão biológica, tornando-se superficial. O papel dos professores é crucial, pois eles escolhem conteúdos, metodologias e formas de avaliação relacionadas ao tema. O ensino de ciências pode ampliar essa perspectiva, ajudando os alunos a compreenderem a diversidade de gênero e sexualidades, assim como os direitos da comunidade LGBTQIA+. A biologia, ao explorar a variação biológica e as expressões de gênero, pode desconstruir estereótipos que veem sexo e gênero como binários e determinados biologicamente, enquanto a neurociência revela que a orientação sexual e a identidade de gênero são características inatas. A obra de Louro (2001) apresenta uma crítica às relações de poder nas práticas docentes e enfatiza que gênero e sexualidade são construções sociais e históricas, que variam de acordo com contextos culturais. Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, concentrando-se em uma escola municipal localizada no município de Jaguaquara-BA. Para a elaboração deste texto, foram utilizadas fontes bibliográficas com o objetivo de dialogar com outros estudos que tratam de temas semelhantes. Deste modo, considerando a problemática enfatizada, a abordagem qualitativa apresenta-se como uma trajetória metodológica ao qual se aborda o objeto — o ensino e a aprendizagem que envolvem as questões de gênero e sexualidade — uma vez que essa metodologia permite uma compreensão mais ampla. Os resultados obtidos até o momento indicam que é fundamental questionar não apenas o que é ensinado, mas também as práticas educativas utilizadas, promovendo uma reflexão crítica sobre aprendizagens frequentemente aceitas como consolidadas e sobre verdades tidas como absolutas.

Palavras-chave: Ensino de Ciências, Gênero, Sexualidades, Ensino-Aprendizagem.

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação stricto sensu- em Educação Científica e Formação de professores de Ciência e Matemática da Universidade do Sudeste da Bahia- UESB - campus de Jequié- Bahia, ledabreis8@gmail.com;

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Doutora do Programa de Pós-graduação stricto sensu- em Educação Cientifica e Formação de professores de Ciência e Matemática da Universidade do Sudeste da Bahia- UESB - campus de Jequié- Bahia, danielefreire.uesb@gmail.com.



### INTRODUÇÃO

A discussão sobre gênero e sexualidades nas escolas tem ganhado relevância crescente nos debates educacionais, especialmente no contexto da construção de uma educação inclusiva e crítica. No entanto, a forma como esses temas são abordados no ambiente escolar, particularmente no ensino de Ciências nos anos finais do Ensino Fundamental, ainda é bastante limitada, muitas vezes restrita a uma perspectiva exclusivamente biológica. Diante disso, este artigo apresenta reflexões preliminares de uma pesquisa de mestrado em andamento, cuja proposta é investigar como professores de Ciências tratam os temas de gênero e sexualidades em uma escola no município de Jaguaquara, no estado da Bahia.

A pesquisa parte do entendimento de que a educação em gênero e sexualidades é fundamental para a formação de sujeitos críticos, conscientes de seus direitos e respeitosos da diversidade. No entanto, a consolidação dessa perspectiva depende de uma atuação docente que transcenda os limites da abordagem tradicional e se comprometa com uma prática pedagógica reflexiva, questionadora e aberta ao diálogo. O papel do professor, nesse contexto, é central: suas escolhas metodológicas e seus posicionamentos éticos e políticos influenciam diretamente o modo como os estudantes compreendem e se posicionam frente a essas questões.

Este estudo, de caráter qualitativo, fundamenta-se em revisão bibliográfica e na análise de práticas educativas observadas em uma escola pública, buscando compreender as dinâmicas que permeiam o ensino de Ciências quando articulado aos debates sobre gênero e sexualidades. A seguir, serão discutidos os principais referenciais teóricos e metodológicos que embasam o trabalho, bem como os resultados parciais obtidos até o momento.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A perspectiva teórica que sustenta esta pesquisa baseia-se nos estudos de gênero e sexualidades como construções sociais e históricas, conforme proposto por autores como Joan Scott (1995), Guacira Louro (2001) e Judith Butler (2003). Essas autoras argumentam que as identidades de gênero e as expressões de sexualidades não são essências naturais, mas sim efeitos de discursos e práticas que se constituem em contextos culturais específicos.

Butler (2003), teórica feminista conhecida por sua obra seminal sobre gênero, *Problemas de Gênero*. Em sua teoria da performatividade de gênero propõe uma ruptura com a visão conservadora do gênero como algo fixo e biológico, defendendo que o gênero é uma





construção social performática. Segundo a autora, o gênero não é algo inerente ao indivíduo, mas sim uma performance que se constrói através de atos repetidos no tempo.

Para Louro (2007), gênero não é sinônimo de sexo (masculino ou feminino), mas refere-se ao conjunto de representações que cada sociedade constrói para atribuir significados e características para cada um dos sexos, através da história.

Sob uma perspectiva histórica e filosófica, Foucault (1988) figura entre os principais teóricos que questionaram a sexualidade enquanto instrumento de poder e de controle social. Em *História da Sexualidade*, o autor afirma que "a sexualidade é uma construção histórica, profundamente marcada pelos discursos científicos, religiosos e jurídicos, funcionando como uma estratégia de normatização dos corpos e das condutas". Além disso, ressalta que "a sexualidade está intimamente vinculada às relações de poder e aos sistemas de significação cultural, não podendo ser compreendida fora dos contextos históricos e sociais nos quais se manifesta" (Foucault, 1976, 1988, p. 92-93).

No campo da educação, Louro (2001) destaca que o trabalho com gênero e sexualidades deve ser compreendido como uma prática política, que envolve o reconhecimento das relações de poder presentes nos processos de ensino e aprendizagem. Assim, o papel da escola não é apenas o de transmitir conteúdos, mas também o de problematizar normas, valores e comportamentos naturalizados, muitas vezes responsáveis pela reprodução de desigualdades e preconceitos.

Como aponta Scott (1995), o gênero é uma categoria útil de análise histórica e social porque permite evidenciar as formas pelas quais o poder se estrutura e se reproduz. Trabalhar gênero e sexualidades na escola, portanto, não se trata de ensinar "temas polêmicos", mas de construir uma prática pedagógica comprometida.

Ao abordar as temáticas de gênero e sexualidades, é inevitável relacioná-la ao contexto das interações e das práticas escolares. Trabalhar essa questão ainda exige aprofundamento teórico e, sobretudo, empatia, pois envolve reconhecimento, respeito e sensibilidade diante das diferenças. Em ambientes plurais como a escola, é fundamental que os profissionais da educação adotem um olhar atento e acolhedor, compreendendo que as múltiplas formas de ver e sentir presentes nos espaços educativos demandam diálogo, escuta e a integração de diferentes perspectivas.

Além disso, o ensino de Ciências pode ser um espaço privilegiado para desconstruir visões deterministas sobre sexo e gênero. Ao abordar temas como a diversidade biológica, a variação genética e os estudos em neurociência, os professores têm a oportunidade de questionar a ideia de que há uma correspondência direta e imutável entre sexo biológico,



identidade de gênero e orientação sexual. Pesquisas atuais em neurociência apontam, por exemplo, que a identidade de gênero e a orientação sexual são características que envolvem aspectos inatos e sociais, o que desafia a rigidez do modelo binário homem-mulher, heterossexual-homossexual.

#### A escola como espaço de (re)produção e transformação

A escola ocupa um papel central na socialização dos sujeitos, atuando tanto como reprodutora de normas quanto como possível espaço de transformação social. No entanto, ainda hoje, o ambiente escolar frequentemente reforça discursos normativos e excludentes relacionados a gênero e sexualidades. Isso ocorre, em parte, porque muitos docentes sentemse inseguros ou despreparados para abordar essas temáticas, especialmente diante de resistências vindas de pais, alunos ou da própria gestão escolar. Como destacam Santos e Souza (2020), o enfrentamento das (im)possibilidades de trabalhar a diversidade de gênero e sexualidades nas instituições de ensino depende diretamente da formação e do apoio que os professores recebem, além do compromisso político e pedagógico da escola com a inclusão.

Em grande parte das instituições, os temas ligados às sexualidades ainda são tratados apenas sob o viés da reprodução humana, restringindo a discussão a uma perspectiva biológica. Pouco se aborda sobre identidade de gênero, diversidade sexual ou direitos das populações LGBTQIA+, o que contribui para a perpetuação de estigmas e para a marginalização de estudantes que não se encaixam nas normas hegemônicas.

No caso específico da escola analisada nesta pesquisa, observou-se que, embora alguns professores demonstrem sensibilidade ao tema, ainda predomina uma abordagem pontual e superficial. A falta de formação adequada e a ausência de políticas institucionais claras figuram entre os principais obstáculos à construção de práticas pedagógicas mais inclusivas e transformadoras.

#### **METODOLOGIA**

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, por reconhecer que as discussões sobre gênero e sexualidades, quando associadas ao ensino de Ciências, demandam uma análise crítica e interpretativa das produções acadêmicas existentes. Esse tipo de investigação mostra-se especialmente adequado para compreender em profundidade os fenômenos sociais, levando em conta suas diferentes dimensões, contextos e significados (Minayo, 2016).





O lócus desta investigação é uma escola municipal situada no município de Jaguaquara/Bahia. A escolha dessa instituição se deu por sua relevância no contexto local e por possibilitar o contato direto com docentes e discentes que vivenciam, em seu cotidiano escolar, questões relacionadas a gênero e sexualidades.

Os sujeitos participantes foram professoras de Ciências do 8° ano e alunos(as) da mesma série. A escolha das docentes se justifica pelo fato de que a disciplina de Ciências aborda conteúdos como corpo humano, reprodução e saúde sexual, temas que se articulam diretamente às discussões sobre gênero e sexualidades. Assim, essas profissionais ocupam uma posição estratégica para refletir sobre tais questões no contexto escolar. Já os(as) estudantes foram incluídos(as) por estarem em uma fase marcada por intensas mudanças físicas, emocionais e hormonais, fatores que influenciam de forma significativa suas experiências e percepções acerca das sexualidades e da identidade de gênero.

De acordo com Santos e Souza (2020), o trabalho com diversidade de gênero e sexualidades na escola ainda enfrenta resistências e desafios, sendo necessário investir em processos formativos e reflexivos que preparem os educadores para lidar com tais temas de forma crítica e acolhedora. Essa compreensão também orientou a escolha dos sujeitos da pesquisa, reconhecendo-os como agentes fundamentais na construção de práticas pedagógicas mais inclusivas.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram utilizados diferentes instrumentos metodológicos, observação participante, rodas de conversa e entrevistas semiestruturadas.

A observação participante possibilitou acompanhar o cotidiano escolar de forma direta, permitindo compreender como as relações de gênero e sexualidades se manifestam nas interações entre professoras e alunos(as), bem como nas práticas pedagógicas. Essa técnica, conforme explica Minayo (2016), favorece o contato da pesquisadora com o campo investigado, permitindo captar significados e comportamentos em seus contextos reais.

As rodas de conversa são concebidas como espaços coletivos de diálogo e reflexão, nos quais os participantes poderam expressar suas percepções e vivências acerca das temáticas abordadas. Segundo Gatti (2005), esse instrumento é especialmente eficaz para promover a troca de saberes e a construção compartilhada de sentidos, uma vez que valoriza a escuta e o protagonismo dos sujeitos.

Por fim, as entrevistas semiestruturadas, realizadas de modo individual, permitiu aprofundar as questões emergentes das observações e das rodas de conversa. De acordo com Flick (2009), esse tipo de entrevista combina flexibilidade e direcionamento, o que possibilita





explorar em maior profundidade as experiências, opiniões e significados atribuídos pelos participantes.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, por compreender que essa metodologia é a mais adequada para investigar os significados, sentidos e interpretações que os sujeitos atribuem às suas práticas e aos contextos nos quais estão inseridos. Para Minayo (2016), a abordagem qualitativa busca compreender os fenômenos sociais em sua complexidade, levando em conta suas múltiplas dimensões e significados. Assim, essa perspectiva permite captar nuances, contradições e ambiguidades presentes no cotidiano escolar, oferecendo uma visão mais densa, sensível e contextualizada da realidade estudada.

#### RESULTADOS PARCIAIS E DISCUSSÃO

Até o momento, as informações coletadas evidenciam que a abordagem dos temas de gênero e sexualidades na disciplina de Ciências é permeada por tensões, contradições e ambiguidades. De um lado, observa-se o reconhecimento, por parte de alguns docentes, da importância de discutir tais questões com os estudantes, considerando-as essenciais para a formação cidadã e para o combate a preconceitos. De outro, nota-se a ausência de preparo teórico e pedagógico, bem como a falta de apoio institucional para que esse trabalho ocorra de forma sistematizada, crítica e fundamentada.

Nas entrevistas realizadas, as professoras relataram sentir-se inseguras diante de situações que envolvem conflitos relacionados à homofobia e transfobia entre alunos(as), mencionando também o receio de reações negativas por parte das famílias e da própria comunidade escolar. Diversas participantes destacaram que sua formação inicial e continuada pouco contemplou discussões sobre diversidade de gênero e sexualidades, o que limita suas possibilidades de intervenção pedagógica. Essa lacuna evidencia a necessidade de políticas de formação docente que abordem o tema de maneira mais profunda e contextualizada, como ressaltam Santos e Souza (2020), ao defenderem que a reflexão crítica sobre gênero e sexualidades na escola requer respaldo institucional e compromisso ético dos profissionais da educação.

Outro aspecto recorrente nos dados diz respeito à ênfase biológica que ainda domina o ensino de Ciências. Em grande parte das aulas observadas, a discussão sobre o corpo humano restringiu-se a uma dimensão anatômica e fisiológica, sem conexão com os aspectos sociais, culturais e políticos que também o constituem. Essa limitação reduz o potencial da disciplina





como espaço de reflexão crítica sobre o modo como as identidades de gênero e as sexualidades são construídas e reguladas socialmente.

Como aponta Foucault (2014), os discursos são produzidos e controlados por mecanismos de poder que determinam o que pode ou não ser dito. Assim, ao evitar ou silenciar debates sobre gênero e sexualidades, a escola acaba reproduzindo uma lógica excludente, que invisibiliza as vivências não normativas e nega legitimidade às identidades de pessoas LGBTQIAPN+. Essa omissão compromete o papel emancipador da educação e reforça estruturas de desigualdade.

Entretanto, também foram identificadas iniciativas positivas, ainda que pontuais, no sentido de promover uma educação mais inclusiva. Algumas professoras relataram experiências com o uso de vídeos e conversas sobre diversidade sexual e respeito às diferenças. Essas práticas, mesmo que isoladas, revelam uma abertura à mudança e um movimento de resistência dentro da própria escola, sinalizando a possibilidade de construção de uma pedagogia mais crítica e humanizadora.

Incorporar as discussões sobre gênero e sexualidades ao currículo não significa "ensinar ideologia", como argumentam discursos conservadores, mas sim oferecer aos estudantes oportunidades de compreender e questionar as relações de poder que estruturam a sociedade. Trata-se, conforme defende Freire (1996), de uma educação libertadora, capaz de formar sujeitos conscientes, críticos e comprometidos com o respeito às diferenças e com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise preliminar dos dados reforça a ideia de que a abordagem de gênero e sexualidades no ensino de Ciências ainda é incipiente e necessita de maior investimento em formação docente, materiais pedagógicos adequados e políticas públicas que valorizem a diversidade. É urgente que o espaço escolar deixe de tratar essas temáticas como tabu ou ameaça, reconhecendo seu papel na promoção de uma cidadania plena e democrática.

O ensino de Ciências pode e deve contribuir para a desconstrução de estereótipos e para a valorização das múltiplas formas de ser e viver no mundo. Para isso, é necessário romper com concepções naturalizantes e normativas de sexo, gênero e sexualidades, incorporando ao currículo uma abordagem crítica, interdisciplinar e comprometida com os direitos humanos.





Por fim, esta pesquisa pretende não apenas compreender as práticas docentes em relação a esses temas, mas também contribuir para o fortalecimento de uma educação que acolha as diferenças, promova o respeito e incentive o pensamento crítico. A escola precisa ser um espaço de liberdade e de formação integral, onde todos os sujeitos, independentemente de sua identidade de gênero ou orientação sexual, possam se reconhecer, se expressar e aprender com dignidade.

#### REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade II: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

FLICK, U. Introdução à pesquisa qualitativa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FURLANI, Jimena. Sexos, sexualidades e gêneros: monstruosidades no currículo da Educação Sexual. Educação em Revista, Belo Horizonte, n.46, p. 269-285, dez., 2007.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber Livro, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação: Uma Perspectiva Pós-Estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. (Org). Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica. 2001.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E.. **Pesquisa em Educação**: Abordagens Qualitativas. Em Aberto, 5 (31), 2011.

MINAYO, M. C. de S. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2016.





SANTOS, B. R. L.; **SOUZA, M. L**. As (im)possibilidades do trabalho com diversidade de gênero e sexual na escola após um curso de formação. Revista Diversidade e Educação, v. 8, p. 162-189, 2020.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 71-99, 1995.

